

Luciana Salvador de Freitas

GÊNERO:

sua implicância no contexto escolar

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG

2011

Luciana Salvador de Freitas

GÊNERO:

sua implicância no contexto escolar

Monografia apresentada ao curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Marcus Taborda

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG

2011

AOS MEUS AMADOS PAIS E A TODOS QUE ACREDITARAM E CONTRIBUÍRAM
DE ALGUMA FORMA PARA A CONCRETIZAÇÃO DESSE SONHO.

RESUMO

As práticas escolares continuam solidificando a distinção dos indivíduos feita através de suas capacidades físicas e também de seu sexo biológico, através da noção de papéis sociais ligados a cada gênero. Esse trabalho tem como objetivo perceber a diferença entre gênero e sexo, e o modo como meninos e meninas se relacionam na Escola. Além disso, busca entender como o gênero institui modos diferenciados de ser menino e menina no âmbito escolar e analisa o gênero, evidenciando-o nos diferentes espaços escolares, como na Educação Física e no recreio, por exemplo.

Palavras-chave: Gênero. Sexo. Espaço escolar. Escola. Educação física.

1 INTRODUÇÃO

No segundo semestre de 2010 durante o estágio acadêmico do meu curso de Licenciatura em Educação Física realizado no COLTEC observei a existência de uma maioria de alunos do sexo masculino, talvez por esta ser uma escola técnica. Não sei se por essa razão, mas todas as aulas eram mistas. Através desta observação inicial, e de relatos de colegas que estagiavam em outras escolas em que as aulas aconteciam separadamente, realizei um trabalho sobre o tema de turmas mistas para disciplina e me interessei em continuá-la em meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Após esta vivência na disciplina de Análise da Prática de Estágio I surgiu a idéia de desenvolver a temática de gênero nas aulas de Educação Física e no momento do recreio, por achar este debate relevante para a área. Evidencia-se a existência de muitos professores que ainda preferem trabalhar com turmas separadas por sexo, o que torna esta discussão pertinente e de grande valia por ser um questionamento frequente entre os profissionais da área.

Assim o objetivo deste trabalho é apresentar e analisar alguns trabalhos contemporâneos que abordam a reflexão da temática gênero nas aulas de Educação Física e no recreio. Além disso, objetiva-se perceber a diferença entre gênero e sexo, e o modo como meninos e meninas se relacionam na escola como um todo e nas aulas e no momento específico em questão. Para dar mais credibilidade ao trabalho serão analisados os artigos presentes na Revista Brasileira de Ciência do Esporte compreendidos entre os anos de 2000 e 2011. Os autores são: LOUZADA, VOTRE e DEVIDE (2007), HUMBERSTONE (2007), DEVIDE e SILVA (2009), COSTA e SILVA (2002), GALVÃO, PONTES, RAMOS, RANGEL, RODRIGUES, NETO e SILVA (2002).

Na história da Educação Física no Brasil, encontramos um tratamento variável para meninos e meninas nas aulas. Assim, em 1882, a reforma do ensino primário sugeria atividades físicas diferenciadas para meninos e meninas. Após a Segunda Guerra Mundial, o método de educação física desportiva generalizada passou a predominar na educação física recomendando a separação de meninos e meninas para um melhor andamento das aulas, que tinham como objetivos o rendimento e a

aptidão física. Em 1971, a legislação federal fez menção à separação dos alunos por sexo de forma explícita, com o decreto n. 69. 450, de 1º de novembro de 1971, que em seu artigo 5, item 3, legitimava as turmas separadas por sexo, recomendando quanto à disposição das turmas, cinquenta alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão física+ (BRASIL, 1971). Nos anos de 1990, acentuou-se o debate sobre a dicotomia misto/separado, com tendência em defender as turmas mistas. (LOUZADA, VOTRE e DEVIDE, 2007).

Desde a implantação da Educação Física na escola até os anos 80 do século XX, como nos conta Sousa (1994), a Educação Física foi ensinada para homens e mulheres separadamente, sendo que o professor se responsabilizava pelos homens e a professora pelas mulheres. Isso ocorria, também, no único curso de graduação em Educação Física sediado em Belo Horizonte, que desenvolvia propostas curriculares diferenciadas para alunos e alunas. Essa organização de turmas por sexo deixou de acontecer nas demais disciplinas escolares muitas décadas antes, mais precisamente nos anos 30 nas escolas públicas e anos 70 na maioria das escolas particulares (SOUSA, 1994).

Vale ressaltar a importância que se tem ao estudar e pesquisar o tema em questão, uma vez que é possível traçar um paralelo com as demais disciplinas, como por exemplo: matemática, história, português, dentre outras. É perceptível a diferença da relação que os alunos de ambos os sexos, tanto feminino quanto masculino, têm dentro de uma sala de aula e suas relações no recreio e nas aulas Educação Física.

A escola organiza para prática de atividades corporais dos alunos e alunas através dos esportes, lutas, dança, dos jogos e das brincadeiras, isso pode nos revelar indícios sobre a organização e relacionamento de meninos e meninas, intencionalmente ou não, no espaço da mesma. Essa dimensão educativa presente no tempo e espaço da escola não se restringe à disciplina de Educação Física. Ela ocorre na instituição escolar em tempos e espaços múltiplos, através dos diferentes dispositivos coercitivos e/ou incentivadores, nos quais os alunos e alunas são mobilizados a aprender a controlar gestos, expressões corporais e linguísticas.

Tal processo educativo não se realiza somente nos tempos de aula. Há o horário do recreio que, também, é um espaço de aprendizagem, em que as crianças e adolescentes se interagem, mostram suas particularidades, se diferem no modo de agir, se relacionando ou não entre meninas e meninos. Todavia, nesses espaços a

educação se dá, de forma sutil, não pela forma que os alunos e alunas são dispostos na sala de aula, mas pelas possibilidades de movimentação e expressão no meio e pelas situações de constrangimentos operadas diretamente sobre os corpos nas diferentes interações que ocorrem no cotidiano.

Nos estudos de Nista-Piccolo e Vecchi (2006) apontam as aulas de Educação Física escolar como possíveis responsáveis de suma importância no desenvolvimento dos alunos, e pelo o gosto da prática de atividade física. De fato, depende de vários fatores, como o profissional em questão, os conteúdos ensinados, os métodos adotados, as relações interpessoais, ambiente propício, dentre outros. Contudo esses aspectos, segundo os autores, formam os pilares da motivação e do interesse dos alunos em participar das aulas.

Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar e analisar alguns trabalhos contemporâneos que abordam a reflexão da temática gênero nas aulas de Educação Física e no recreio. Além disso, objetiva-se perceber a diferença entre gênero e sexo, e o modo como meninos e meninas se relacionam na escola como um todo e nas aulas e no momento específico em questão.

Para entender melhor essa discussão e com o intuito de adquirir e elevar a credibilidade do meu estudo, recorri a uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, baseado em uma análise bibliográfica que incidem sobre a temática.

A partir desses pontos discutidos, qual seria o real motivo que se possa explicar a diferença comportamental dos gêneros de alunos dentro de uma sala de aula, e nas aulas de Educação Física e momentos quistos no recreio?O que isso pode implicar no desenvolvimento como um todo de um aluno?

2.DESENVOLVIMENTO

Esse tema remete, muitas vezes, conflitos ocasionados por diversos fatores. Um dos principais deles e que tem um destaque maior dentre outros, é a cultura de uma sociedade ao qual a escola está inserida. De certa forma, essa idéia ou, por assim dizer, esse fator é levado em consideração e aprofundado por Altmann (1998). Com essa referência, é possível explicar tal indagação baseada na explicação por gênero. Para que fique claro, e de fácil entendimento, e necessário entender o que é gênero, sexo e qual seria relação e/ou diferença de ambos.

2.1 Gênero e Sexo

Por definição, gênero é entendido como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres, de acordo com Sousa e Altmann (1999). Goellner (2009) cita que o corpo não é algo que temos, mas algo que somos. O corpo não se restringe somente a materialidade biológica, ele representa muito mais que isso, ele deve ser entendido como um produto da relação natureza-cultura. Não teria como separar o biológico do cultural (ROCHA, 2010).

Posteriormente, o conceito passa a ser utilizado com um forte apelo relacional, já que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. As justificativas para as desigualdades precisam ser buscadas não nas diferenças biológicas, mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. Essa inovação obrigou aqueles que empregavam conceito de gênero a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estavam tratando, passou a exigir que se pensasse de modo plural (LOURO, 1997).

Sexo refere-se às características biológicas de homens e mulheres, ou seja, às características específicas dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos, ao seu funcionamento e aos caracteres sexuais secundários decorrentes dos hormônios. (CABRAL E DÍAZ, 1999)

A expressão "gênero" começou a ser utilizada justamente para marcar que as diferenças entre homens e mulheres não são apenas de ordem física, biológica. Como não existe natureza humana fora da cultura, a diferença sexual anatômica não pode mais ser pensada isolada do "caldo de cultura" no qual sempre está imersa. Ou

seja, falar de relações de gênero é falar das características atribuídas a cada sexo pela sociedade e sua cultura. E, como afirmam Sayão e Bock (2002) a diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher.

Ao buscar entender o conceito de gênero na aula de Educação Física, Sousa (1994), lembra que gênero é uma categoria relacional porque leva em conta o outro sexo, em presença ou ausência. Assim, pode-se entender que na aula mista essa relação conta com a presença de ambos os sexos e faz-se necessário saber relacionar-se dentro de quadra.

Segundo Sousa (1994):

A relação de poder, de hierarquia de Gêneros, fundamenta-se na diferença entre o masculino e o feminino construídos historicamente. Como a idéia de gênero está fundada nas diferenças entre os sexos, ela aponta para o caráter implicitamente relacional do feminino e do masculino. Gênero é uma categoria relacional.

Sendo gênero relacional, enquanto processo social pode-se entender a importância de se trabalhar com turmas mistas na aula de Educação Física e quais os valores e saberes em que meninos e meninas ganham em desenvolver atividades juntos, mesmo entendendo todas as dificuldades apresentadas é possível desenvolver uma aula de grande aprendizado para meninos e meninas.

De acordo com Silvana Gooellner (2009), gênero é entendido como um meio pelo qual identificamos indivíduos de maneira a caracterizá-los seja por femininos ou masculinos. Vale ressaltar a diferença entre gênero e sexo, uma vez que o segundo remete às características anatômicas de um indivíduo, referindo-se a mulheres ou homens.

Sousa (1994) diz que, ao nascerem os sujeitos já trazem características biológicas que os predispõe a viverem como homens e mulheres, mas todo um conjunto de outros fatores determinantes (sociais, psicológicos, culturais) pode construir-se em oposição com as características biológicas.

Dagmar Estermann Meyer (2003), em seu estudo gênero e educação: teoria e política, ele reafirma o que tem sido colocado nesse estudo e defende que: como construção social do sexo, gênero foi (e continua sendo) usado, então, por algumas estudiosas, como um conceito que se opunha a - ou complementava a - noção de sexo e pretendia referirem-se aos comportamentos, atitudes ou traços de

personalidade que a cultura inscrevia sobre o corpo sexuado. [...] Nesse contexto, o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (MEYER, 2003, p. 15).

Contudo, pode-se dizer que gênero, por si só, é constituído de acordo com a cultura do meio a qual se vive e pela dimensão das relações sociais, assim, esse, é determinado ou referenciado a partir dos %conceitos+ que se tem sobre o que é considerado feminino e masculino. Mas como se determina o que é ser feminino e o que é ser masculino? O que é isso?

2.1.1 Feminino x Masculino

Tão discutidas no meio acadêmico, as diferenças entre homens e mulheres ultrapassam divergências físicas e/ou sexuais. Além de haver uma má distinção relacionada aos conceitos de sexo e gênero, conta-se com a constituição de pressupostos sobre o que vem a ser feminino e masculino. E para que o termo gênero seja entendido, com eficácia, é preciso que se faça uma análise dos significados de masculino e feminino e das conseqüências de, estes, serem atribuídos a um ou outro gênero dentro das relações sociais.

Ao recorrer às questões históricas, para que se tenha o entendimento sobre os %papéis+ masculinos e femininos, ao homem coube a ocupação de espaço público, desenvolvendo habilidades como liderança, tomada de decisão, maior desempenho físico e motor global, dentre outros, enquanto as mulheres ocuparam, principalmente, o espaço privado, aprimorando habilidades como: sociabilidade, afetividade e habilidades motoras finais.

Goellner (2003) retrata a construção do ser feminino em nossa cultura. Ela diz que desde o século XVIII a mulher faz parte dos discursos e das práticas da Medicina, que tem a idéia de feminina voltada para submissão, a passividade, o sacrifício e a maternidade. E a partir do século XIX e XX que direcionaram novas atribuições à mulher.

O corpo feminino passa a ser alvo de diferentes intervenções, como por exemplo, sua exercitação, uma vez que as práticas corporais e esportivas são

identificadas como possibilidades de controle e também como experiências que movimentam e libertam os instintos. (ROCHA, 2010).

A possibilidade de refletir hoje sobre essas temáticas corresponde a uma série de questionamentos e inquietudes que o dia-a-dia nos coloca. Expressões cotidianas vindas das crianças e relacionadas a determinadas atividades parecem ser totalmente naturalizadas: meninos gostam de jogar futebol e as meninas gostam de pular corda. Na mesma direção, meninos são %mais agressivos+ e as meninas são %mais meigas+. (WENETZ e STIGGER, 2006)

Nessa perspectiva, há o surgimento das diferenças, a existência da diversidade de identidades e, considerando que a identidade é concebida como uma característica independente, um fator autônomo, referenciada a si própria, então se pode considerar a diferença da mesma forma, concebida como auto-referenciada: %a diferença, tal como a identidade, simplesmente existe+. (SILVA, 2000).

Entretanto, sempre que se fala de identidade, se está falando de diferenças, pois elas estão em estreita relação. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são criações sociais e culturais inseparáveis.

Louro (1997), diz que é imprescindível entender que há diferentes construções de gênero numa mesma sociedade e em diferentes contextos históricos, o que se pode dizer que o gênero tem história e que o feminino e masculino transformam-se de maneira histórica e social.

As questões deixadas por ele tornaram possível perceber que, ao nos referirmos ao gênero como uma construção social e histórica de sujeitos masculinos e femininos, estamos falando de homens e mulheres que constituem suas masculinidades e feminilidades de formas diferentes em uma mesma sociedade. Podemos, ainda, entender que os gêneros se transformam a partir das mudanças sociais e históricas de uma dada sociedade.

O esporte é uma cultura poderosa e significativa, pela qual vários processos constroem e legitimam formas dominantes de masculinidade e onde também se define aquilo que deve ser excluído de tais formas. (HUMBERSTONE, 2007)

A influência do paradigma biológico, do sexismo e de estereótipos sexistas presentes nas sociedades contribui no conjunto de mecanismos que auxiliam e reforça a construção sociocultural e histórica dos corpos, no caso presente, o corpo masculino.

O gênero não deve ser definido de forma hierarquizada, para não dar vez ao determinismo em seus significados. De acordo com a perspectiva de Butler (2003), a construção do gênero, simplesmente enquanto construção cultural, é uma forma de naturalização de atributos femininos e masculinos e configuração de relações sociais universalizadas e essencializadas, agora dentro da cultura.

2.2 Escola e seu papel na sociedade

A escola é uma instituição social que, segundo Frigotto (1999), mediante sua prática no campo do conhecimento, dos valores, atitudes e, mesmo por sua desqualificação, articula-se determinados interesses e desarticula outros. Nessa contradição existente no seu interior, está a possibilidade da mudança, haja vista as lutas que aí são travadas. Portanto, pensar na função social da escola, implica-se repensar o seu próprio papel, sua organização e os atores que a compõem.

Para Petitat (1994), a escola contribui para a reprodução da ordem social. No entanto, ela também participa de sua transformação, às vezes intencionalmente. Outras vezes, as mudanças se dão, apesar da escola.

De acordo com Dayrell (1996), a instituição escolar seria resultado de um confronto de interesses: de um lado, uma organização oficial do sistema escolar, que define conteúdos da tarefa central, atribui funções, organiza, separa e hierarquiza o espaço, a fim de diferenciar trabalhos, definindo idealmente, assim, as relações sociais de outro, os sujeitos - alunos, professores, funcionários, que criam uma trama própria de interrelações, fazendo da escola um processo permanente de construção social. Em cada escola interagem diversos processos sociais: a reprodução das relações sociais, a criação e a transformação de conhecimentos, a conservação ou destruição da memória coletiva, o controle e a apropriação da instituição, a resistência e a luta contra o poder estabelecido.

Apreender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas.

A finalidade da escola é promover a formação integral dos alunos, é na instituição escolar, através das relações construídas a partir das experiências vividas, que se estabelecem os vínculos e as condições que definem as concepções

personais sobre si e os demais. A partir dessa posição ideológica acerca da finalidade da educação escolarizada, é conclamada a necessidade de uma reflexão profunda e permanente da condição de cidadania dos alunos e da sociedade em que vivem. (DARIDO, 2002).

A escola, como espaço sociocultural, é entendida, portanto, como um espaço que reflete várias tramitações sociais e deve ser sempre repensada quando refletida nas culturas dos seres envolvidos neste espaço. Desta forma, o processo educativo deve também ser objeto de reflexão para os educadores por meio do conteúdo dentro de sala de aula e, mais do que isso, das relações entre os sujeitos em seus cotidianos sociais e escolares.

2.2.1 Gênero, Escola e Educação Física

A cultura escolar possui um conjunto de características que inclui práticas, condutas, modos de vida, hábitos e ritos que ocorrem neste ambiente. Assim, assume-se que a escola constitui um sistema educativo, curricular e pedagógico, e também um espaço social e cultural no qual as relações entre as pessoas adquirem particular importância, pelo convívio e pelos contínuos intercâmbios de ideias, de conceitos, de afetos e de saberes. É por esta razão que não se pode considerar a escola como estando circunscrita aos limites geográficos do espaço escolar e de forma independente de uma cultura social mais ampla (WENETZ; STIGGER, 2006).

O ingresso nessa cultura, como afirmam os mesmos autores, requer aprender um conjunto de regras e rituais que podem ser diferentes para meninas e meninos. E cada instituição, em seu contexto histórico, social, sendo religioso ou não, interfere na cultura e no modo de organização que se dará entre os alunos.

A escola apresenta-se, então, como um ambiente propício para o confronto entre os gêneros, uma vez que se tem dentro dela profissionais e alunos de ambos os sexos e de gêneros distintos. É, então, relevante o papel da escola e das professoras e professores na construção e/ou manutenção das representações estereotipadas ou não das relações gênero. (CASAGRANDE, 2006)

Um argumento muito comum, apresentado para a separação dos sexos na Educação Física, é a alegação da falta de habilidade motora das alunas, o que prejudica o desempenho da aula (LOUZADA, 2005). É de grande valia saber se o

que está em questão é apenas a motivação do aluno em relação a quem está dentro de quadra com ele, ou como o professor trabalha seu planejamento e consegue trabalhar valores, respeito, cooperação, o bom relacionamento, dentre outros, e transmitir conhecimento independente de como a sua turma é formada.

Tem-se o gênero como uma "construção sócio-cultural", organizada ao longo das décadas por concepções desenvolvidas e aplicadas pela sociedade, baseando-se em fatores lapidados, essencialmente, pela cultura, variável entre as regiões (MEYER, 2003).

Diversos conflitos enfrentados por docentes nas aulas de Educação Física são explicados com base nas construções sociais de corpos masculinos diferem das dos femininos (ALTMANN, 1998); pode-se, a partir da fala da autora, começar a entender as várias dificuldades em que os professores encontram em trabalhar com turmas mistas e como isso interfere na preferência por turmas separadas por sexo.

Uma das curiosidades em pesquisar e estudar o tema em questão é o paralelo que pode ser feito com outras matérias que se desenvolvem dentro de sala na escola como, por exemplo, a matemática, português, inglês ou física. O fato de uma turma ser mista não influencia o desenvolvimento do professor ao ministrar essas aulas, pois há somente a relação com o intelecto do aluno, enquanto que pra educação física, propriamente dita, além deste aspecto, é tratado também questões corporais que são pertinentes ao desenvolvimento das aulas, sobretudo relacionado aos corpos e suas especificidades dentro de gênero, como a força e a agressividade. O problema é quando esta vai para a quadra; as dificuldades passam a existir e o professor de Educação Física se depara com situações conflitantes. Dentre elas, o gênero passa a ganhar destaque e as diferenças começam a aparecer.

Junto a essa idéia, Mourão (2002) faz referência a um conflito bem consistente na sociedade atual. Existem aqueles esportes que são classificados como "esportes de homem", porém as mulheres não são proibidas de praticarem. Contudo aquelas que os fazem sofrem o preconceito, tanto de homens quanto das próprias mulheres, de serem "taxadas" de mulheres masculinizadas. Por conta de tratamentos como esses que acontecem e surgem os receios de praticar esportes pré-estabelecidos para o gênero específico. O temor da exclusão e discriminação leva a desistência das pessoas para com os esportes de seus interesses. O

professor precisa, então, de métodos para que, ao ministrar aulas para turmas mistas, essas não prejudiquem nem desmotivem nenhum dos alunos ou alunas.

Em um texto presente na Revista Movimento, Wenetz e Stigger relatam três situações vividas por alguns alunos de certa escola. A primeira envolve um menino que não inclui o futebol em seus interesses de brincadeiras e, por isso, é considerado como %bicha+pelos colegas. A segunda envolve outro menino que joga futebol mas que também pratica balé; entretanto, ninguém o incomoda pois %ele faz o que um menino deveria fazer+. Uma terceira situação diz respeito a Aline, uma menina que joga futebol com os meninos.

Os autores ainda relataram as impressões que esta aluna e os demais têm sobre essa situação.

Mas será que Aline é incomodada por jogar futebol com os meninos? O que as outras meninas pensam sobre ela? Nesse caso, perguntamos a Aline se alguém implicava por ela sempre jogar futebol com os meninos, e ela respondeu que não. A maioria das crianças reconhece que não implica com ela, mas, segundo Brenda,+às vezes os meninos pegam no pé dela, que ela é meio menino [...] que ela tem jeito de menino, até a voz dela, falam de ~~menino~~ ela quer jogar bola e nunca vai brincar com as meninas de pular corda+.Essas falas reafirmam o que vinha sendo discutido: que o comportamento considerado natural é que meninos brinquem de futebol e as meninas não. Se alguma delas tenta resistir a essas normas, a própria brincadeira as captura de outro modo, ao classificá-las como %menino+ou com outras nomeações.

Essa situação mostra como as habilidades e características de meninos e de meninas não são parte de um processo entendido comumente como natural ou biológico, como também são constituídas por aprendizagens próprias de cada contexto histórico e social. Na Educação Física - mais do que em qualquer outra matéria curricular, pois tem o corpo como objeto de intervenção direta . essas situações podem ser corriqueiras, pois o indivíduo se vê exposto, controlado em seus gestos e avaliado de acordo com suas capacidades físicas.

Outro exemplo neste contexto, é o fato que pode ocorrer na aula de Educação Física como Sousa (1994) explica, algo que aparentemente poderia vir para unir meninos e meninas e deixar a aula dinâmica para todos, pode ir pela contra mão:

Adaptar as regras de algum jogo ou esporte como recurso para evitar a exclusão de meninas desconsidera a articulação do gênero a outras categorias. Determinar que um gol só possa ser efetuado após todas as meninas terem tocado a bola, ou autorizar apenas as meninas a marcá-los são exemplos dessas adaptações. Se tais regras solucionam um problema, criam outros, pois quebram a dinâmica do jogo e, em última instância, as

meninas são as culpadas por isso, pois foi para elas que as regras foram modificadas.

As questões de gênero permeiam diversas instâncias sociais, e dentro dessas instâncias se encontra o contexto escolar. Louro (2001) focaliza como a aula de Educação Física torna-se um contexto de elaboração das identidades de gênero, construindo masculinidades e feminilidades a partir da participação em atividades corporais, o autor esclarece que se em algumas áreas escolares a constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes, ser feita através dos discursos implícitos, nas aulas de Educação Física esse processo é, geralmente mais explícito e evidente. Para o autor, modificar as regras do jogo pode representar uma forma de ajustar o jogo à "debilidade" feminina, e isso quebraria a dinâmica do jogo e as meninas são as culpadas por isso, pois foi para elas que as regras foram modificadas.

Em uma outra pesquisa etnográfica, desta vez feita por Deive e Silva (2009) os autores relatam em seus resultados a maneira como os alunos realizam a divisão de equipes nas aulas de Educação Física. Neste trabalho, observaram a construção de idéias, preconceitos e estigmas que se manifestam na sociedade, especificamente na escola, no contexto das aulas de Educação Física, gerando práticas de exclusão.

Entre os meninos, os etnométodos utilizados em relação à exclusão por grau de habilidade motora constituíam-se em escolhas entre dois ou três líderes, que arregimentavam os mais habilidosos para as suas equipes, independentemente das relações de amizade. Apesar de o núcleo das representações do grupo masculino ser composto pela discriminação por características pessoais, isso não se constituía em fator impeditivo para que um aluno discriminado por ser muito magro, gordo ou pela cor fosse escolhido para compor a equipe, desde que apresentasse um bom nível de habilidade motora.

Entre as alunas, as escolhas de equipes privilegiaram as relações de amizade. Dessa forma, o nível de habilidade motora não foi o fator fundamental como para o grupo dos alunos. As características físicas e pessoais, no grupo feminino, foram fatores signi, cativos para que uma aluna fosse ou não incluída pela líder para compor a equipe.

Na aula de Educação Física mista o professor que ministra é quem decide como vai trabalhar com o grupo. O que se pode notar é que nessas aulas,

possivelmente, o professor encontra problemas de como fazer meninas jogarem com meninos, como conseguir passar o conteúdo de forma que todos entendam e aprendam o que ele quer dizer, como lidar com situações de dificuldades de relacionamento, exclusão e adequação das aulas.

São inúmeros os conflitos e as dificuldades dos educadores no enfrentamento das questões de gênero presentes no âmbito escolar, especialmente nas aulas de educação física, pois se trata de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente.

O professor possui uma série de funções nessas relações interativas: o planejamento e a plasticidade na aplicação desse plano, o que permite uma adaptação às necessidades dos alunos; levar em conta as contribuições dos alunos no início e durante as atividades; auxiliá-los a encontrar sentido no que fazem, comunicando objetivos, levando-os a enxergar os processos e o que se espera deles; estabelecer metas alcançáveis; oferecer ajuda adequada no processo de construção do aluno; promover o estabelecimento de relações com o novo conteúdo apresentado e exigir dos alunos análise, síntese e avaliação do trabalho; estabelecer um ambiente e relações que facilitem a auto-estima e o autoconceito; promover canais de comunicação entre professor/aluno, aluno/aluno; potencializar a autonomia, possibilitando a metacognição e avaliar o aluno conforme sua capacidade e esforço. (DARIDO, 2002)

Sendo assim, trabalhar o gênero na Educação Física é uma tarefa desafiadora para o professor, afinal, ele precisa saber e ter a consciência de planejar e organizar uma aula a qual todos participem, sem que a exclusão se torne, ou seja, um fator marcante.

Muitos desafios surgem durante as aulas, tanto para os professores quanto para os alunos. Louzada, Votre e Devide (2007) afirmam que nas aulas de educação física é preciso que os professores, no trato com as meninas, evitem o preconceito de generalizá-las como sem habilidade, pois existem meninas hábeis assim como existem meninos sem habilidade.

E um dos problemas mais vivenciados nas aulas de Educação Física em turmas mistas é a exclusão, e isso acontece, na maioria dos casos em aulas de esportes, devido à posição dos meninos, em não gostarem e/ou, simplesmente, não se sentirem a vontade de jogar com meninas, e vice-versa.

O professor que usa desse argumento terá, sim, dificuldades com turmas mistas, uma vez que não se pode agregar, em suas aulas, preconceito, exclusão ou teorias de que meninas desenvolvem menos em atividades do que os meninos.

2.3.1 Aulas de Educação Física Mistas: O gênero influencia?

É possível destacar a importância da Educação Física no âmbito de gênero na escola, e em algumas áreas escolares a constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes, ser feita através dos discursos implícitos, nas aulas de Educação Física, esse processo é, geralmente, mais explícito e evidente.+(MEYER; SOARES, 2004).

Um tema a ser abordado é como as aulas de educação física podem ser feitas dentro das escolas. A aula pode ser feita separadamente ou mista e um ponto que o gênero entra nessa questão é se ele influencia ou não na metodologia e desenvolvimento das aulas.

Um estudo de Cunha Júnior revela ter registrado frases e depoimentos discriminatórios que apareciam cotidianamente nas aulas de Educação Física, tais como: %menino não chora!+; %futebol é coisa para homem!+; %o esporte de menina é queimada!+ %mulher não pode brigar!+; %eu não fico em grupos com meninas!+; e outros mais, que concebiam as meninas enquanto grupo frágil, submisso e desprovido de qualidade nas habilidades motoras.

Altmann (1999), além das questões já citadas, traz à tona duas outras que percebo serem importantes mencionar: a primeira diz respeito às relações com o espaço físico escolar, sua ocupação e apropriação.

Nas escolas, os locais de difícil acesso eram mais frequentados por meninos do que por meninas. Eles ocupavam espaços mais amplos que elas por meio do esporte, o qual estava vinculado a imagens de uma masculinidade forte, violenta e vitoriosa. Outra estratégia utilizada pelos meninos para uma ocupação mais ampla do espaço era a transgressão de normas escolares. (ALTMANN, 1999, p. 249)

O professor precisa, então, de métodos para que, ao ministrar aulas para turmas mistas, essas não prejudiquem nem desmotivem nenhum dos alunos ou alunas. A aula mista dentro de sala é de fácil manejo para o professor, ele consegue passar sua matéria sem que o gênero atrapalhe seu desenvolvimento. Meninas e

meninos estão ali sendo observados e testados com de uma mesma maneira. Outro significado referente à gênero se deu como se fosse um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre varias formas de interação humana (SCOTT, 1995). Entender o sentido de gênero, na aula de Educação Física, é difícil para o professor, afinal, é preciso entender quais são essas diferenças percebidas entre os sexos e o que isso pode acarretar em sua aula, e, raramente, isso acontece.

Ao buscar entender o conceito de gênero na aula de Educação Física, Sousa (1994), lembra que gênero é uma categoria relacional porque leva em conta o outro sexo, em presença ou ausência. Assim, pode-se entender que na aula mista essa relação conta com a presença de ambos os sexos e faz-se necessário saber relacionar-se dentro de quadra.

2.4 Dificuldades enfrentadas pelo professor nas aulas mistas

Trabalhar o gênero na Educação Física é uma tarefa desafiadora para o professor, afinal, ele precisa saber e ter a consciência de planejar e organizar uma aula a qual todos participem, sem que a exclusão se torne ou seja um fator marcante.

O professor, também encontra problemas em relação ao modo como os meninos jogam com as meninas. Essa situação é caracterizada falta de calma e/ou da relação amigável não tão eficaz entre ambos os sexos.

O professor que usa desse argumento terá, sim, dificuldades com turmas mistas, uma vez que não se pode agregar, em suas aulas, preconceito, exclusão ou teorias de que meninas desenvolvem menos em atividades do que os meninos.

Um dos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino fundamental é levar os alunos a serem capazes de: ~~participar~~ participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais; (1997). A aula para turma mista, então, deveria estimular seus alunos a desenvolver essas habilidades fazendo com que todos participem, adquiram os conhecimentos

transmitidos, seja com a prática ou com a teoria, e aprendam durante a realização da Educação Física.

Os meninos são incentivados a praticar brincadeiras mais agressivas e mais livres; jogar bola na rua, soltar pipa, andar de bicicleta, rolar no chão em brigas intermináveis, escalar muros e realizar várias outras atividades que envolvem riscos e desafios. As meninas, ao contrário, são desencorajadas de praticar tais brincadeiras e atividades. (ROMERO, 2005). Os meninos apresentam, em sua maioria, valências físicas superiores às das meninas, e, geralmente, têm mais habilidades devido à possibilidade e maiores oportunidades de experiências motoras que tiveram antes ou durante a aula de Educação Física. Já as meninas, em contraposição, mostram um desinteresse maior quando a aula é feita misturada. Com isso, o professor que se deparar com uma turma mista que exista essa realidade vai precisar saber trabalhar em ambos, nos meninos e nas meninas, formas de prática em que a turma, com a participação maximizada, consiga aprender, absorver e desenvolver as atividades propostas sem %abarrar+ na exclusão e preconceitos.

2.5 Gênero no Recreio:

%Da observação

Não te irrites, por mais que te fizerem...

Estuda, a frio, o coração alheio.

Farás, assim, do mal que eles te querem,

Teu mais amável e sutil recreio...+

(Mário Quintana)

Para completar o poema de Mário Quintana, retirei da Revista Movimento um trecho que também diz as diversas maneiras que um mesmo recreio passa para diferentes pessoas.

O recreio é um momento em que se misturam as vozes das crianças com suas risadas e gritos estridentes, com as das professoras e suas advertências e chamadas de ordem. Neste contexto, barulhos misturam-se num som contínuo, mas a sirene, sempre altíssima, repentinamente cala-os todos. É também assim que a escola vai marcando o seu próprio som, seu próprio ritmo, sua regularidade, a hora da entrada e da saída, a hora de fazer fila....Mas também existem silêncios no recreio, o das vozes que não se ouvem. Quem não fala ou fala e se confunde com as outras falas? Quem resiste a fazer alguma coisa não permitida? Quem *desvia*? Quem cria?

As diferenças entre gêneros acontecem a todo instante no contexto escolar, os recreios são também espaços pedagógicos, devemos considerar que este ambiente se constitui um local de aprendizagem não oficial e não intencional.

Wenetz e Stigger (2006) apresentam em forma de pressupostos teóricos o que observaram durante o recreio de uma escola pública durante 1 ano. São três os pressupostos, deixando claro que não tinham a intenção de realizar uma revisão de cada um deles, nem de historicizá-los.

O primeiro pressuposto remete à importância da linguagem. Entendendo-se que ela atribui sentido ao mundo, e constrói a realidade em que vivemos e nos inserimos, é ela que expressa as características de sentido e também o constitui.

O segundo pressuposto envolve o conceito de representação. Nesse sentido, ela se caracteriza por sua exterioridade e materialidade, isto é, ela se expressa por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral.

Sendo assim, a linguagem constitui nossas práticas discursivas e não-discursivas e a representação as coloca em circulação, produzindo sentidos e construindo realidades.

O terceiro pressuposto remete à ampliação dos modos de se entender educação: antes limitada à família e à escola, passa-se a entendê-la como algo que abrange não só os âmbitos escolares e familiares, como também os meios de comunicação, as artes, a música de diferentes tipos, a informática, os brinquedos, os filmes, as revistas, etc.

O recreio escolar desenvolve-se no pátio da escola, é um momento que acontece todos os dias. Nesse e desenvolve-se com particularidades diferentes em cada instituição e vai se tornando complexo, caracterizando um espaço particular, com suas próprias regras e negociações, criando sua própria cultura.

Essa cultura pode ser considerada oral porque constitui uma cultura própria das crianças e do espaço do recreio, mas ela não se limita só a um vocabulário oral, englobando também gestos, atitudes, significados, etc.

Em suas observações notaram que além da divisão por gênero que é muito comum perceberam que a idade é um fator hierárquico dentro da escola também. Os autores dão como exemplos duas situações, uma em que as meninas da 4ª série pediram para as alunas da 1ª série se retirar da quadra, e brincar atrás dela para que eles pudessem jogar bolas. As crianças mais novas atenderam ao pedido e

apesar de terem a opção de ficarem no espaço não se importaram em trocar, uma vez que havia maior número de meninas e parecia justo elas ficarem na quadra.

Uma situação semelhante ocorreu com outra turma de alunos mais novos que estavam jogando Futebol. Porém, os alunos mais velhos não se portaram de forma negociável, chegaram invadindo a quadra, até por que muito dos alunos mais novos já foram logo cedendo o espaço para eles.

Através deste exemplo, pode-se observar diferentes maneiras de se movimentar no espaço do recreio, segundo o gênero. Eles caracterizam o perfil da escola da maneira como é mais comumente observado de forma geral. Os meninos ocupam mais as quadras esportivas; quando não ocupam as quadras, utilizam mais os espaços, seja correndo, seja dando grandes chutes na bola de um canto ao outro do pátio. Enquanto isso, as meninas aparentam uma maior intimidade, pois ficam em grupos menores e de maneira mais sedentária, sentadas ou em pé, mas sempre conversando.

A cultura do recreio vai criando suas próprias regras, o que permite passar de uma experiência distante para uma experiência próxima que os membros de uma cultura específica utilizam para compreender seu próprio contexto. Cria-se uma cultura particular dentro do contexto escolar e também no universo do recreio com algumas características próprias, como, por exemplo, as negociações que incluem a maneira de lidar com os espaços conforme gênero e geração. (WENETZ E STIGGER, 2006)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola configura diferentes espaços e tempos em suas aulas, nos pátios e nos deslocamentos das crianças. Ela é uma instituição onde se discute, se aceitam, se rejeitam e se impõem significados através de processos em que as crianças se encontram inseridas participando de negociações culturais ou imposições tanto ou mais complexas e até tão disciplinadoras quanto os processos de que participam os adultos.

Foi possível entender que esse espaço produz e veicula significados, segundo as pessoas que participam dele. O recreio é vivenciado por diferentes alunos-pessoas, e cada um deles outorga a esse momento um significado diferente.

É verdade que, tanto em aulas mistas ou separadas, existem conflitos, dificuldades e também facilidades encontradas pelos professores. A aula para turma mista não é tão complicada quanto parece, cabe ao docente que vai desenvolver e planejar as aulas, ter discernimento de como trabalhar com meninos e meninas. Assim se faz necessário, para que todos consigam aprender e desenvolver todo o conteúdo que a Educação Física pode oferecer, de acordo com o projeto pedagógico da escola.

É condição imprescindível a formação mais sensível e crítica de professores e professoras de educação física no sentido de enfrentar as questões relativas à diferenciação de sexo/gênero. Para alcançarmos êxito nesta proposição, não basta a simples vontade de construir alternativas de trabalho diferenciadas, é preciso também aprofundar nos estudos sobre pesquisas que tratem de temas voltados à mulher e à sociedade, possibilitando a evolução da consciência dos docentes sobre as representações dos estereótipos que são reforçados constantemente nas aulas de educação física; uma diferenciação sexual que está fundamentada na noção de feminilidade e masculinidade, marcas da desigualdade entre os sexos. (COSTA e SILVA, 2002).

Sobre a questão do gênero é possível notarmos que os homens e as mulheres são diferentes uns em relação aos outros e entre eles próprios, e esta compreensão é de significativa relevância na medida em que rompe não só com o caráter biológico como, também, com a própria ordem cultural do %er homem+ ou %er mulher+ nas sociedades, ao reconhecer nesta condição um histórico e culturalmente construído.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena; SOUSA, Eustáquia Salvadora de. Meninos e Meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Corpo e Educação**. 1.ed. São Paulo: CEDES, n.48, p.52- 68, 1999.

CABRAL, Francisco e DÍAZ, Margarita. **Relações de gênero. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; Fundação Odebrecht. Belo Horizonte: Gráfica Editora Rona Ltda., 1999. p. 142-150.

COSTA, Maria Regina Ferreira da; SILVA, Rogério Goulart. A educação física e a co-educação: igualdade ou diferença? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas. v. 23, n.2, p.43-54. Jan. 2002.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. **A produção teórica brasileira sobre Educação física/ginástica publicada no século XIX**: autores, mercado e questões de gênero.

DARIDO, S.C; FERREIRA, L.A.; GALVÃO, Z.; PONTES,G.H.; RAMOS,G.N.S; RANGEL, I.C.A; RODRIGUES, L.H.; SANCHES NETO, L.; SILVA, E.V.M. Resenho do livro %a prática esportiva+ de Antoni Zabala. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 195-205, jan. 2002.

DEVIDE, Fabiano Pries; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo. Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, n. 2, p. 181-197, jan. 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na revista Educação Physica. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2003.152 p. (Coleção Educação Física).

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo, Gênero e Sexualidade: Educando para a diversidade. In: OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de; PERIM, Gianna Lepre (Org.). **Fundamentos Pedagógicos do programa Segundo Tempo**: da reflexão à prática. 1 ed. Paraná: Eduem, 2009. p.73-88.

HUMBERSTONE, Bárbara. Transgressões de gênero e naturezas contestadas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.28, n.3, p.21-38, 2007.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LOUZADA, Mauro; VOTRE, Sebastião; DEVIDE, Fabiano. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 28, n. 2, Campinas, p. 55-68, 2007.

MEYER, Dagmar. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes.;NECKEL, Jane. Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.

ROCHA, Naiara Eyer. **Homens que dançam e mulheres que lutam!**: Compreendendo as relações de gênero nas práticas corporais. 2010. Tese (Dissertação de Obtenção de título e Bacharel em Educação Física). Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte.

ROCUNI, Vanessa Bastos. O Brincar no Contexto Escolar: O recreio, a Educação Física e a Sala de Aula. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, n. 154, Marzo 2011.

SAYÃO, Y. e BOCK, S. D. Gênero. (2002) Disponível em: http://www.educared.org/educa/index.cfm?pg=oassuntoe.interna&id_tema=8&id_sub_tema=7

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos, à marcha! Meninas à sombra!** : a história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). 1994. 265f. Tese (Doutorado) . Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, São Paulo.

VECCHI, Rodrigo Luiz; PICCOLO, Vilma Lení Nista . **'Ensinar para Compreensão: fundamentação teórica para a Educação Física Escolar**. Programa de pós-graduação stricto sensu em Educação Física. São Paulo 2006.

WENETZ, Ileana; STIGGER Marco Paulo. A Construção do Gênero no Espaço Escolar. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.12, n. 1, p. 59-80, janeiro/abril de 2006.